

Subversão Crescente na Igreja Página 3

SEMANARIO
Número avulso 50,00
Número atrasado 70,00
Semestral 2.000,00
Assinatura Anual 3.000,00

FUNDO CEMAP AC

CEMAP - HEMEROTECIA CLASS.

encontro com

o Pastor

Um exame de consciência

Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS

Meus Amigos, Católicos, Cristãos, Homens que buscam a Deus e que se guem a consciência na procura da Verdade e do Bem:

A Igreja Católica no Brasil está vivendo um estranho período. Há dois anos que este país recebeu a visita do próprio Papa João Paulo II. Em todas as suas viagens, o Santo Padre, invariavelmente, insiste no caráter pastoral que as motiva. Costuma falar claro e apontar com precisão a direção a seguir. A par dos diferentes auditórios que o ouvem, há outra face desse admirável peregrinar e que se refere à comunidade eclesial. As diretrizes expostas devem ser observadas por bispos, sacerdotes, religiosos e leigos. Vai-se quem doutrinou, fica o que foi ensinado, começa a fase mais difícil, que é o "por em prática". Obedecer com fidelidade aos rumos indicados exige sacrifícios. Resta então, a pergunta: temos sido fiéis ao Sucessor de Pedro? Responderá a consciência de cada um.

Esta mensagem — que é mais um desafio pessoal do que uma mensagem — foi fruto de uma reflexão profunda, resultado de anos e anos de equívocos e ilusões, um verdadeiro exame de consciência feito, pela primeira vez, sem condicionamentos de qualquer tipo. O que foi preciso — antes de tudo — foi a coragem de dizer o que penso. "Se não nos dá vergonha pensá-lo, não nos deveria dar vergonha dizê-lo." (Cícero).

Tenho pautado minhas ações não de acordo com minhas convicções pessoais, mas de acordo com orientações que não formulei e com diretrizes pelas quais não sou eu o responsável. Atrelado ao radicalismo que domina a complexa estrutura da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — cooperei para que em poucos anos, pudessem ser impostos, de cima para baixo, os novos cânones de comportamento, tornando-me prisioneiro dos desvios da teologia conveniente da atuação da CNBB. Utilizando instrumentos eficazes na imposição das mudanças, aprovei publicações de propriedade da Igreja, a substituição dos seminários por formas empíricas de formação dos novos padres, a promoção distorcida das Campanhas da Fraternidade, o sentido de confronto dado às relações da Igreja com o poder civil, a deformação da liturgia e da educação, enfim, supremo pecado, proclamei inaceitável a velha crença dos católicos na transubstanciação do pão e do vinho na Eucaristia.

Atuei de forma insidiosa, conscientizando lentamente, injetando veneno em pequenas doses, subliminarmente, nos cursilhos, nas reuniões das comunidades de base, nas missas, através dos sermões, dos palestras, dos boletins paroquiais, do semanário "O São Paulo" e até mesmo dos cânticos, numa verdadeira lavagem cerebral, e usando o Evangelho e a imagem de Cristo como camuflagem e, às vezes, a batina como escudo.

Expus teoria das relações entre capital e trabalho de inspiração nitidamente marxista, tornei-me tributário das intenções e dos planos mais prejudiciais ao bem comum dos cristãos e de todo o povo.

Insurgi-me agressivamente contra a Justiça alentando o desrespeito pelos cidadãos às suas decisões, apontando-a soezmente à execração pública, participando dessa forma de uma instigação à subversão. Associei-me aos grupos radicais impedindo o entendimento e contaminando qualquer negociação racional para a superação de problemas. Pratiquei duelos verbais e radicalismos sem precedentes dando um revoltante contra-testemunho da perda da fé e de abraçar cegamente as diretrizes marxistas. Armei o braço dos nossos inimigos, a pena dos recalcados, a língua dos maldizentes.

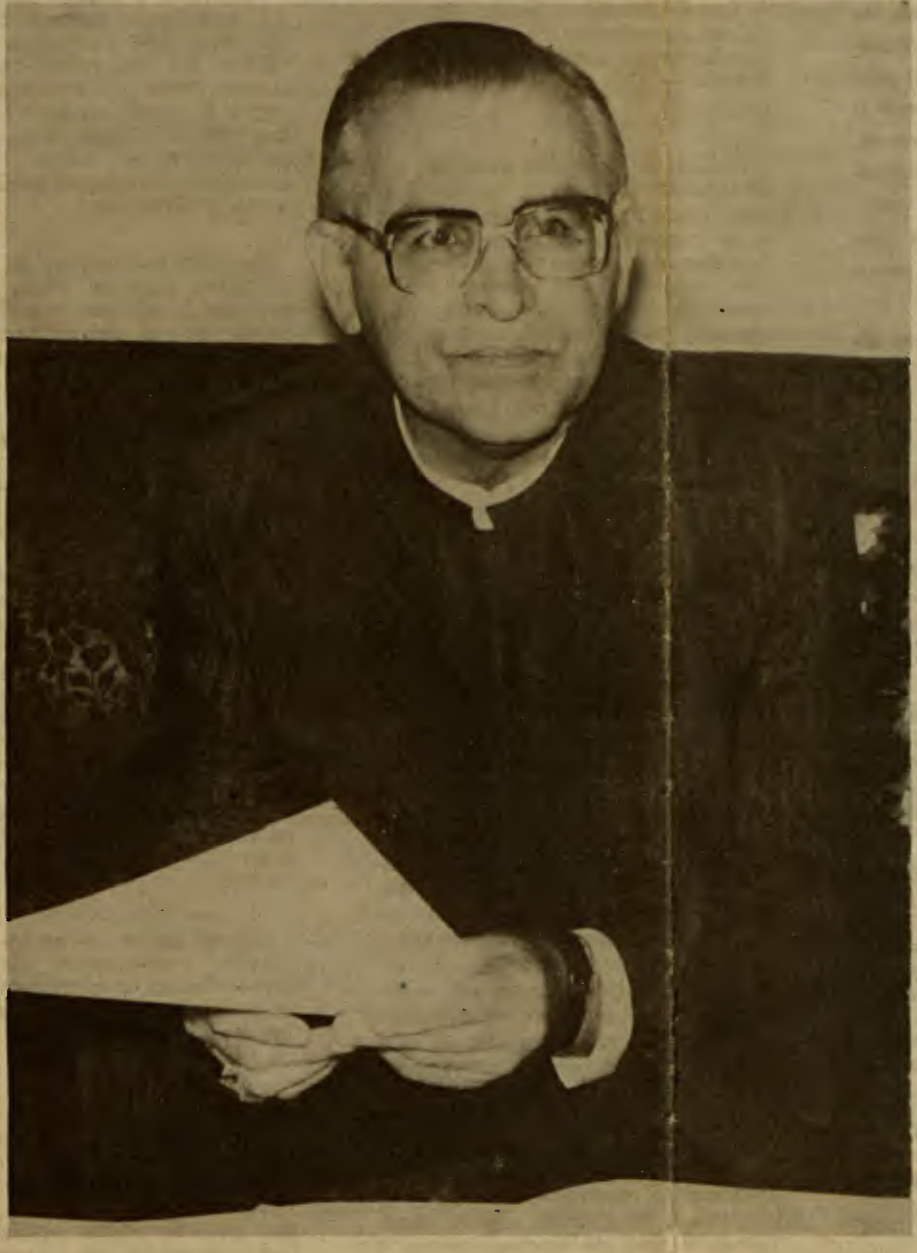
Quando percebi que avançava cada vez mais na contestação à própria essência do catolicismo, sem pudor nem cautela, abarcando uma concepção da vida e do mundo estritamente materialista, a luz do Divino Espírito Santo iluminou-me a fronte, chamou-me à razão, tirou-me dos pantanos da calúnia, do ódio, da ofensa impiedosa, afastou-me dos gritos e heresias dos possessos, trazendo-me de volta à grandeza infinita de Cristo.

Esta mensagem pode traduzir a angústia de alguém que está dando um passo fundamental, mas não foi redigida arbitrariamente. Surge num momento em que procurarei responder a mim mesmo à pergunta: tenho sido fiel ao Sucessor de Pedro? Este exame de consciência é a minha resposta.

A visão de Cristo através da luz do Divino Espírito Santo salvou-me do naufrágio nas tormentas do próprio desencanto, dando-me o equilíbrio necessário para examinar os fatos e luzes que possibilitem perceber que ainda cresce muito trigo no meio do joio.

Quero que esse meu gesto de despreendimento e de confissão restabeleça a confiança no espírito e na fé católica, para fazer face à tentativa do socialismo marxista em invadir a própria Igreja. Que os meus irmãos do Episcopado não percam a fé em Deus e não ganhem a fé em Marx, trocando a eternidade pelo tempo de vida dos homens.

PAI NOSSO...



Paulo Evaristo, Cardeal Arns entrega sua mensagem a O São Paulo

Os lobos e o rebanho

AUSTREGESILIO DE ATHAYDE

Para um antigo seminarista como eu, vivido durante quase oito anos no claustro do Seminário da Prainha, recebendo as lições da austeridade e paternal sabedoria dos lazaristas, grandes mestres formadores do clero, o espetáculo que a Igreja ora, oferece, de dissensão interna a respeito de doutrina e culto é mais do que desolador. Parece termos chegado àqueles tempos previstos no Apocalipse, prenunciando o fim das eras. A Igreja já não se volta de maneira prioritária para o espiritual. A vida da alma não é mais o centro da missão dos seus sacerdotes. A própria palavra evangélica, escrita no bronze da eternidade, está sendo submetida a interpretações de falsos teólogos que excedem o lobo na pele do cordeiro. Para dividir o rebanho e assim enfraquecer também a casa que não tardará a se perder. São palavras de Paulo, hoje postas de lado por tantos que se inculcam como intérpretes da Boa Nova, mas que não vieram, nem é das suas intenções, fortalecer a fé antiga, e sim debilitá-la ou mesmo destruí-la sem nenhum temor àquilo que foi dito por Isaías: "Eu destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a ciência dos cientistas".

Quando é que isso poderia ser permitido na hierarquia que tem a sua culminância no Papa? Que as palavras por ele pronunciadas ou escritas fossem submetidas a revisões impertinentes da parte daqueles que estão abaixo da sua autoridade e lhe juram obediência? Mudar o texto de qualquer documento é ato criminoso, sobretudo quando tal é feito para desfigurá-lo, ajustando-o aos interesses dos sofistas que não faltam aos tempos de hoje. Pois isto está acontecendo no Brasil, com os sermões e homilias que aqui foram pregados por João Paulo II em sua visita de inesquecível memória, quando falou diretamente ao povo, com aquela firmeza e serenidade que distinguem a sua iluminada palavra. Essas falsas "releituras", que alteram e deturpam a essência do pensamento do autor, em si mesmas são ilícitas e agravam-se pela frustrada tentativa de ocultar o que o Cardeal Dom Eugênio Sales chamou "desobediência silenciosa".

Ha também o caso desta ridícula liturgia, marcada pelo folclore local, que fez do sacramento eucarístico um recurso de que alguns padres e bispos lançam mão para fins que não são aqueles de Jesus Cristo quando o instituiu: "Fazei isto em memória de mim". De tudo deve concluir, num entendimento correto dos fatos, que já existe no Brasil uma rebelião cismática, e parte crescente da Igreja não mais obedece à autoridade de Roma. Antes a contestação em nome de uma renovação profana, que chega mesmo a atingir as raízes do sacrilégio. Vangloriam-se alguns sacerdotes desgarrados da imutável verdade de que deveriam ser leais servidores, de ser a igreja brasileira a mais "avançada" no plano de uma renovação que a descaracteriza e ilude os princípios fundamentais da unidade católica. As realidades do continente americano a que tantos aludem, não devem ser colhidas em hábitos, superstições, práticas aborígenes, às vezes não distantes da idolatria, e sim na tradição dos nossos evangelizadores.

A própria Religião passa por dois perigos: uns procuram alimentar um sentimentalismo espiritualista; outros, vazios em seu interior, e desconhecendo a presença de Deus no íntimo de si mesmos, partem para um ativismo em que se confunde a importância da justiça do mundo com a divina.

Dom Eugênio Sales
Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro

Sejamos rastreadores
Página 4

SUBVERSÃO CRESCENTE NA IGREJA
PÁGINA 3

O Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, em visita à redação deste semanário, fez entrega de uma mensagem que representa um verdadeiro grito de alerta ao povo brasileiro.

Acompanhado de D. Angélico Sândalo Bernardino e do Pe. Ismael Martignagno, respectivamente Diretor e Redator Chefe de "O São Paulo", o cardeal Arns reuniu representantes do Conselho Editorial, da Redação e alguns colaboradores para apresentar novas diretrizes de atuação para a Arquidiocese de São Paulo.

— Minha mensagem representa um Mea Culpa por tudo aquilo que vem acontecendo de errado na Igreja do nosso tempo — disse emocionado o Cardeal Arns.

"Não poderia continuar interpretando as palavras do Papa, a orientação tão nítida que João Paulo II tem oferecido para os mais diversos problemas — e para o próprio problema da Igreja — de acordo com visões anormais, parciais, individuais, próprias de estranhas teologias que pretendem acobertar desde a desobediência silenciosa até a discordância explícita".

"Sinto que uma parcela da Igreja procura fazer-se passar pelo todo e cada dia avança mais na contestação à própria essência do Catolicismo. O marxismo é um sistema de idéias que, por abarcar toda uma concepção da vida e do mundo, mereceu da Igreja a condenação como filosofia. Seus fundamentos são estritamente materialistas: o homem nada vale e Deus não existe perante o marxismo. Não posso aceitar mais que os meus irmãos de fé, os batizados nas pias das igrejinhas suburbanas ou dos templos suntuosos juntem-se aos inimigos da democracia, pois assim agindo, se auto-excomun-

gam, excluem-se deliberadamente do rebanho, levados por nossos erros e omissões".

Com a voz embargada, continuou D. Paulo: — "Precisamos fixar normas para uma atualizada pastoral de conjunto na Arquidiocese, expurgando da Igreja as mesquinhas dos homens que a conduzem, para elevarmos nela a grandeza infinita do Cristo que a estabeleceu.

A Arquidiocese de São Paulo não pode mais escolher para assessorá-la entidades integradas e orientadas por notórios marxistas e estruturalistas que surgiram num contexto de interpretação histórica sob o prisma da teoria da "luta de classes" — teses como a da religião como "ópio do povo" e a da "socialização da propriedade", refletindo o espírito da "Teologia da Libertação" que não é mais do que uma refração do marxismo sobre os chamados teólogos progressistas".

Ao final da reunião o querido Cardeal Arns, com toda a altivez apesar da emoção, pronunciou estas palavras:

— "Há momentos em que um balanço de nossa vida deve ser feito. Não apenas estou em falta com os meus, com Cristo de quem me afastei, como estou em falta comigo mesmo. O processo de recuperação poderá ser longo ou curto, mas tenho certeza completa de que não será pelo caminho que vinha percorrendo que construirei minha vida. O Divino Espírito Santo iluminou-me para fazer meu exame de consciência. Que cada um faça o seu".

A mensagem de Dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns, está publicada na íntegra, na coluna Encontro com o Pastor, para que também ilumine os irmãos em Cristo.

Estamos juntos, Cardeal Arns.

D. Agnelo critica os que desejam transformar missa em ato político

SÃO PAULO — O prefeito da Sagrada Congregação para Evangelização dos Povos, dom Agnelo Rossi, criticou todos os sacerdotes que tentam transformar as celebrações litúrgicas em atos políticos.

— O Vaticano agiu corretamente — disse dom Agnelo Rossi — ao enviar carta à CNBB, proibindo a celebração da "Missa dos Quilombos", "Missa da Terra sem males" e "Missa da Esperança", pois a Santa Sé tem o dever de zelar para que não seja distorcido o ato litúrgico.

Segundo dom Agnelo, "a liturgia é sagrada e o Vaticano tem a obrigação de conter os abusos que vêm sendo cometidos não só no Brasil como em todo mundo".

— A Igreja — afirmou — não pode transformar-se numa instituição política. Dom Agnelo disse que apoia integralmente o cardeal-arcebispo do Rio de Ja-



Cardel Agnelo Rossi

O Vaticano repreende a CNBB - Pág. 2

Nota do Diretor

A Igreja é feita de homens que não têm o dom da impecabilidade nem da infalibilidade. Se erros existiram que provocaram esta ferida aberta em nossos corações, é hora de corrigi-los e frustrar as intenções de quem maquiou, nas trevas da mentira e do ódio, este processo de desintegração da Igreja de Cristo, sem nos intimidar, para não nos amoldarmos numa geração de cristãos covardes e, por isso, infiéis a Cristo.

Para nós é o momento de cerrar fileiras, de acabar com certas ingenuidades, solidarizar-nos, mais ainda com o nosso Cardeal Arns, e de descobrir, na oração, força e inspiração para nossa atuação na fé e na bondade.

O SÃO PAULO (diretoria, redação, editores, colaboradores e administração) está disposto a unir esforços no desejo de encaminhar um serviço missionário que obedeça às diretrizes do Santo Padre, preservando nossa formação moral.

Este número especial, é resultado de nos sa penitência e início da retomada aos caminhos da fé.

Os insatisfeitos, que tomem outro rumo.

D. ANGÉLICO SÂNDALO BERNARDINO
Diretor

SUBVERSÃO CRESCENTE NA IGREJA

Nenhuma advertência e repreensão do Papa João Paulo II, inclusive a última, tem sido capaz de desviar parte do clero brasileiro, especialmente a CNBB, da aberta pregação político-ideológica de inspiração e identificação nitidamente comunista, à frente os padres mentores das comunidades eclesiais de base, das prelaças; agora, com acinte e ímpeto inusitados, à hora da Missa, nas sacristias e nos confessionários.

O problema vem sendo denunciado apenas por uns poucos jornalistas brasileiros não comprometidos no patrolhismo e na militância marxistas, aqueles que são considerados por essa ala "progressista" da Igreja como fascistas e reacionários, através das mais desmoralizadas formas de eufemismo. A situação chegou a tal ponto que um dos mais importantes e tradicionais jornais do País - "O Estado de S. Paulo" - na sua edição de domingo p. passado divulga um editorial em tipo 12 romano, sob o título "Os Ordinários e o Papa", cuja importância e êxito nos leva a ceder este espaço e assim transmitir-lo aos nossos leitores em seus trechos mais significativos. Eis-lo:

"O dissídio que a hierarquia da Igreja do Brasil abriu na sociedade brasileira não afeta apenas as relações entre a Igreja e o Estado instituídas encarregadas da organização dos poderes espiritual e temporal. Vai mais longe, porque não impõe aos católicos apenas a punição e escolha entre suas convicções políticas e a obediência a seu ordinário, mas entre aceitar a Liturgia consagrada pelo Papa, sucessor de Pedro no carisma e na chefia da organização eclesial, e a que os bispos (individualmente ou em conferência) decidem instituir para atender não mais à memória do sacrifício de Cristo, mas a convicções políticas bem nítidas.

Na verdade, à pompa e à circunstância que marcavam a Liturgia da missa, católica nos tempos hoje tachados de "triumfalistas" pelas correntes LIBERTADORAS, sucedeu um momento evolutivo em que simplicidade substituiu o fausto e em que o violão ou outros instrumentos da cultura popular tomaram o lugar do órgão. Era, dizia-se, a identidade, pela música, da Igreja com os pobres...

... Da substituição do órgão pelo violão e do coral pelo atabaque, contudo, passou-se rapidamente para a transformação da Liturgia para confundir a celebração da missa com a pregação político-doutrinária, para aproveitar a reunião dos fiéis com o objetivo de separá-los, cindindo-os em dois grupos distintos e irreconciliáveis: os pobres, do POVO DE DEUS, e os outros. A Liturgia se instrumentalizou não para trazer os infieis ao redil de Cristo e do Papa (e como os jesuítas foram condenados por isso), mas para levar os fiéis à nova verdade revelada, comunicada não por Jeová a Moisés e confiada por Lenin aos basbaques e sacramentada por

Guevara e seus apóstolos, que são todos os que no materialismo de Marx vão buscar os fundamentos da solidariedade do POVO DE DEUS.

Hoje, a crise extravasa os limites dos pequenos círculos. Não são mais progressistas e tradicionalistas que se empenham na disputa da melhor interpretação das Sagradas Escrituras... A crise - isto é, a violenta ruptura do equilíbrio - está no seio da Igreja, e entre conferências episcopais e o Papado, entre ordinários - que não aceitam possa ter o Papa, sucessor carismático de Pedro, poderes de fixar a Liturgia da Missa - e o Sumo Pontífice, que quer exercitar seus poderes para fazer que "a celebração da Eucaristia (seja) como deve ser, e é somente memorial da morte e ressurreição de Senhor e não reivindicação de qualquer grupo humano ou racial".

As cartas que dom Giuseppe Casoria, pro-prefeito da Congregação para o Culto Divino, dirigiu em março a dom Ivo Lorscheiter, em sua qualidade de presidente da CNBB, e que nós publicamos sexta-feira última, resumem em poucas linhas essa dilaceração entre o Papa e os bispos brasileiros. Já não se trata - pensem nisso os ordinários da Igreja do Brasil, e meditem os católicos e cristãos - de saber se o Papa quer os padres e bispos fora da política; se os deseja defensores do capitalismo liberal, do corporativismo católico ou fascista, do comunismo soviético ou do eurocomunismo ou da revolução sandinista... o que não se pode conceber é que os bispos pretendam estabelecer de PER SI a Liturgia, contrariamente às normas do Papado - em outras palavras, construir pelo caminho da Liturgia uma nova Fé e outra Igreja.

A defesa última da Liturgia, dos Dogmas e da Verdade Revelada da qual o Papa é, por legado de Cristo a Pedro e por tradição, o defensor e intérprete, não pode ser entregue aos ordinários. Eles podem, como seres humanos influenciados pela revelação leninista dos 60 milhões de mortos no Gulag, desejar construir suas próprias missas da Esperança, da Terra sem males, dos Quilombos. Não podem e pretendem que essa seja a MISSA CATÓLICA.

Este é o começo do Cisma. Santo Tomás, servindo-se de Aristóteles, procurou impedir que viesse a grande separação da Reforma, não estarão, CONTRARIUM SENSU, os defensores da Teologia da Libertação e da liturgia reformada, inspirados no materialismo dialético e na pregação da luta de classes, pretendendo apressar o Cisma entre os que são católicos e os que da Igreja Católica se servem, por ser mais cômodo pregar grandes transformações acobertadas pelo falso pretexto de transmitir a palavra de Deus?..

UMA IMPLOÇÃO DA IGREJA

Dom Marcos Barbosa

JA Paulo VI se queixava, em uma de suas raras impacientes, que estavam querendo "demolir" a Igreja. Se a palavra "implodir" já estivesse mais em moda, ele a teria usado. Pois não se referia a bombas lançadas de fora, mas a várias fissuras internas, dessas que caminham "d'une marche invisible e sure", como no Le Vase Brisé. Ou melhor, como no conto de Giovanni Guareschi A Nossa Senhora Feia, que o povo assim chamava, mas não queria substituir por outra, e que desmorona em longa procissão, graças às frinchas feitas na imagem por Dom Camilo... Muitos, escandalizando-se com as rugas e manchas da Igreja e querendo substituí-la por outra, insistem em permanecer dentro dela, para melhor obter o seu intento. Foi o que se deu, no plano internacional com Hans Kung, finalmente proibido de ensinar como teólogo católico. Como é o que vem acontecendo entre nós com Frei Leonardo Boff.

Já são conhecidas e comentadas as críticas do jesuíta Pe. A. Perego a Leonardo Boff, aparecidas na revista Divus Thomas. Hoje temos o alívio de nos referirmos as que lhe são feitas no próprio Brasil, tanto mais insuspeitas por partirem de um teólogo também franciscano, que o teve aliás por aluno: Dom Boaventura Kloppenburg, Bispo-Auxiliar da Arquidiocese de Salvador. Em magistral artigo, A Ecclesiologia Militante de Leonardo Boff, em boa hora publicado no JORNAL DO BRASIL edição dominical. Dom Frei Boaventura começa por esclarecer, sem nenhuma ironia (descabida, em certos casos, mesmo contra aqueles que a usam), que o nihil obstat da obra de Boff e dado "pelo chefe

de revisão tipográfica da Editora", pois não obteve o aval de seu Superior nem o imprimatur do respectivo Bispo. É lógico que o Autor, considerando ultrapassadas semelhantes ninharias, não se preocupe com isso. Mas causa espanto ver que tantos Bispos, esquecidos de repente de uma unidade em que se empenham em setores menos importantes, deixem circular livremente em suas dioceses, como guardiães da Fé, uma literatura que seduz facilmente os leitores menos avisados, incapazes de ver até onde levam certas ideias de aspecto sedutor.

Não podemos evidentemente, resumir sequer o estudo de Frei Boaventura Kloppenburg, mas que poderá ser encontrado também no segundo número da revista Communio. Em todo caso, para que o leitor tenha ao menos uma ideia dos desvios de Leonardo Boff, lembremos, por exemplo, que ele declara não ser Jesus quem fundou a Igreja; pois de um lado não suspeitava que o seu povo fosse rejeitar-lhe a doutrina e, de outro, imaginava para logo o fim do mundo... Teria apenas pregado o Reino de Deus, coisa muito diversa. Os apóstolos é que sentiram a necessidade de uma instituição, cuja hierarquia já aparece nas cartas de São Paulo, com bispos e diáconos. Essa Igreja-instituição não soube fugir, como as demais instituições, a sede do poder, tornando-se como resume Frei Boaventura, "Oportunista como um dinossauro insaciável, para submeter tudo e todos aos próprios ditames do poder arrancado a comunidade, neuroticamente fechada sobre si mesma como uma grande seita que acolita a sociedade capitalista; já deu tudo o que podia ter da

de e agora está em seu ocaso, destinada a desaparecer".

Contudo, segundo Boff, se a Igreja não foi fundada por Cristo, ela o foi pelo Espírito Santo, que a inspirou aos apóstolos, embora Jesus tenha dito expressamente que o Espírito enviado por ele viria apenas completar a sua obra, dando-lhes compreender e praticar o que já tinha ensinado. A comunidade eclesial goza então, segundo Boff, de total liberdade, pois o Espírito sopra onde quer, não estando amarrada a dogmas e tradições e podendo, por exemplo criar novos sacramentos solicitados por um novo contexto popular...

O conhecido e querido Pe. Zezinho escrevia recentemente: "Os Bispos não têm outra escolha: ou exigem catequese de verdade, com mais vivência, mais dogma, moral, história da Igreja e exegese, ou, dentro de uns anos, serão bispos católicos de dioceses protestantes ou espiíritas". E que podemos esperar quando vemos nas mãos de bem intencionadas catequistas, livros de Leonardo Boff? No século IV São Jerônimo urrou, da sua caverna de eremita, que o mundo um dia acordaria ariano, heresia que negava a divindade de Jesus. Nós tínhamos medo que o Brasil despertasse bofiano. O alerta de Dom Boaventura e, graças a Deus, um alívio.

Uma Nova Bíblia

foi chamada a se integrar nesta dinâmica (a da nova liturgia); "mas se, para manter tradições, ela só estiver interessada em consumir serviços e bens da Igreja que fez opção pelos pobres, ela será afastada."

Seria interessante saber, afinal em nome de quem o Padre Gibin está distribuindo anêntomas. Não será em nome do Papa que esteve no Brasil, e que falou da "Igreja universal, a Igreja do mistério da Encarnação", que "não é a Igreja de uma classe ou de uma casta".

Ainda segundo o Padre Gibin, "a Igreja descobriu uma coisa importante: a tarefa de anunciar uma mensagem libertadora dos homens", e é agora diferente de "uma Igreja onde, em todos os lugares, se dizia sempre a mesma coisa, em face de qualquer problema pelo qual a comunidade estivesse passando". A "mesma coisa", no caso, era a insistência nos textos bíblicos, no próprio Evangelho. Padre Gibin fica, assim, na obrigação de escrever um outro Evangelho, já que considera monótona e inócua a insistência no antigo.

Antes de lançar-se a esta importante tarefa, entretanto, talvez pudesse consultar o que disse o Papa a tual aos sacerdotes no Rio de Janeiro: "Fique assim bem claro que o serviço sacerdotal, se quer permanecer fiel a si mesmo, é um serviço essencialmente espiritual. Que isto seja acentuado contra as multiformes tendências a secularizar o serviço do padre (...) E na área das almas, das suas relações com Deus e de seu relacionamento interior com os seus semelhantes, que o sacerdote tem uma função essencial a desempenhar. Certamente, sempre que as circunstâncias o exigem, ele não se eximirá de prestar também uma assistência material, mediante as obras de caridade e a defesa da justiça. Mas isto é, em definitivo, um serviço secundário, que não deve jamais fazer perder de vista o serviço principal, que é o de ajudar as almas a descobrir o Pai, a abrir-se para ele e a amá-lo sobre todas as coisas".

Havendo, como se percebe, divergências inconciliáveis entre o pensamento do Padre Gibin e o pensamento de João Paulo II, seria interessante conhecer a esse respeito a opinião da própria CNBB - que acaba de conferir ao Padre Gibin papel tão importante no seu 19 Encontro Nacional de Liturgia, e que não se prive de emitir opinião sobre todos os assuntos candentes da atualidade.



As Comunidades Eclesiais de Base no Brasil estão sendo vítimas de uma verdadeira campanha de politização ideológica"

DOM AGNELO ROSSI

"SÃO INCONCILIÁVEIS COM O ESTADO CLERICAL E, POR ISSO, SÃO PROIBIDAS A TODOS OS MEMBROS DO CLERO AQUELAS ASSOCIAÇÕES QUE, DIRETA OU INDIRETAMENTE, PROCURAM OBJETIVOS POLÍTICOS, EMBORA SE APRESENTEM SOB A APARÊNCIA EXTERNA DE QUERER FAVORECER IDEIAS HUMANITÁRIOS, A PAZ E O PROGRESSO SOCIAL". (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO DO VATICANO).

Narrativa simples, em quadrinhos, sobre o trabalho pastoral desenvolvido pela Irmã Luz Alba, em Caracará, Roraima. As amarguras e denúncias sobre a reunião da CPT em Manaus e as perseguições movidas por falsos representantes de Cristo. O amor e o reconhecimento do povo de Caracará pela sensibilidade e espírito de fé cristã demonstrados pela Irmã Luz Alba.

Leitura obrigatória para todos aqueles que professam a verdadeira fé.

ep EDIÇÕES PAULINAS cada vez mais perto de você

A venda nas livrarias de Edições Paulinas RUA 15 DE NOVEMBRO, 71 - PRACA DA SÉ, 199 RUA DOMINGOS DE MORAIS, 647

ASSINE O SÃO PAULO

Veja como é simples fazer ou renovar sua assinatura de O SÃO PAULO: preencha o cupom abaixo e envie-o acompanhado de cheque a favor do JORNAL O SÃO PAULO (Av. Higienópolis, 890 - CEP 01238 - Capital - SP), no valor de Cr\$ 3.000,00 (anual) ou Cr\$ 2.000,00 (semestral).

renovação nova

Name

Endereço

Cidade Estado C.E.P.

O SÃO PAULO

Sejamos rastreadores

No interior do nosso País, em muitos lugares, são encontrados os rastreadores. São pessoas que, pelas "pegadas" ou "rastros" deixados no chão, são capazes de surpreender as feras.

Na situação atual, ou todos nós nos fazemos bons "rastreadores" ou seremos todos devorados pela besta-fera comunista-socialista.

Para depois ninguém dizer que não foi alertado ou que não sabe rastrear, estamos oferecendo o Decálogo para rastrear a besta-fera (*)

VESTÍGIOS	INTERPRETAÇÃO E CONDUTA
1. Pregam uma sociedade igualitária, sem classes e, para tanto, estimulam o ódio e o divisionismo, através da LUTA DE CLASSES (principal arma do marxismo).	1. Para fazer face à "grande mentira" de um regime que é o inverso do que prega (existe hierarquia rígida e classes privilegiadas — burocratas do partido e estrutura policial) deve-se estimular a "NÓSSA UNIÃO, COESÃO e ESPÍRITO DE SOLIDARIEDADE".
2. Vivem de explorar a miséria, os antagonismos e as desigualdades e combatem o surgimento de elites autênticas, necessárias à solução dos problemas.	2. Esta é a filosofia da "miseria" (a miséria através da miséria) que nos conduziria ao "caos" para, sobre nossos escombros, ser construída a nova ordem comunista-socialista. Nossa resposta: SERMOS COMPETENTES e COM SENSIBILIDADE para encontrar soluções que permitam assegurar JUSTIÇA PARA TODOS (com oportunidade), BEM ESTAR e PAZ SOCIAL.
3. Pregam a "igualdade" como meta final, verdadeiro "paraíso" aqui na Terra.	3. Por essa "cantilena", mais religiosos procuram confundir MARX com Cristo e já não se preocupam com a salvação das almas para um reino eterno (outro mundo), senão com a "dialética materialista" que conduz a um novo "paraíso (reino) terrestre". Assim o MARXISMO é ANTINATURAL e ANTICRISTÃO, porque igualitário, materialista e SEM ALMA.
4. Agem com base numa "verdade" que muda em função do interesse do partido (os meios justificam os fins).	4. Essa é a falsa moral. Também, é adotada por aqueles "pragmáticos" que agem em função de interesses. Há deles que são buscados nos militares nas horas difíceis. Entretanto, a VERDADE DO CRISTO É ETERNA, PORQUE FUNDADA NA CRENÇA EM DEUS, POR ISSO NÃO MUDA EM FUNÇÃO DE INTERESSES SUBALTERNOS.
5. Combatem sistematicamente a propriedade privada, são "eternos reformistas" e/ou "novidadeiros" (de-sejam novidades e mudanças constantes, sem nenhum respeito à tradição).	5. A evolução humana se funda nas experiências e tradições. O ALVO PRINCIPAL dos eternos "reformistas" é a FAMÍLIA, BASE DA TRADIÇÃO CRISTÃ. OS TEMAS REFORMA AGRÁRIA ou RURAL, RECOMENDAM PRUDÊNCIA, POIS, A PROPRIEDADE É INTIMAMENTE RELACIONADA À FAMÍLIA. Na CHINA, uma sociedade milenar, só cedeu ao "comunismo" quando a família se desagregou.
6. Combatem (ostensiva ou veladamente) a livre empresa e a iniciativa privada.	6. A livre iniciativa é básica para a existência da democracia responsável. É necessário manter a todo custo o EXERCÍCIO DA INICIATIVA PRIVADA PARA PRESERVAR A CONDIÇÃO DE PESSOA HUMANA, COM LIBERDADE PARA CRIAR e DESENVOLVER SEU POTENCIAL. A ação do ESTADO deve ser complementar, tendo a si apenas determinadas atividades.
7. Desenvolvem-se no caldo de cultura de corrupção de costumes, obscenidades, excessos de consumismo, de vícios, de tóxicos e de sexo.	7. Aqui também a FAMÍLIA é o GRANDE ALVO, por isso, devemos oferecer uma contribuição pessoal na LUTA PELA MORALIDADE DOS COSTUMES, retirando da "besta-fera" o caldo que lhe tonifica a vida.
8. Utilizam-se fartamente dos simpatizantes e inocentes léus (acomodados, corruptos, preguiçosos, vaidosos, covardes, subservientes, amolecidos pelas mordomias e pelas posições (status) e comprometidos com o "tráfico de influências").	8. PRATICAR A RENÚNCIA E O SACRIFÍCIO DO DIA-A-DIA PARA MANTER O CORPO e A MENTE SADIAS, TONIFICANDO A VONTADE (CARÁTER SEM JAÇA); PRESERVAR O ENTUSIASMO e a INABALÁVEL CRENÇA EM DEUS. A NOSSA APATIA, MOLEZA, INCOMPETÊNCIA, OMISSÃO e DESCRENÇA SÃO O COMBUSTÍVEL QUE ACELERA O INIMIGO.
9. Servem-se da "estratégia dos direitos humanos" para instigar os pobres contra os ricos (aumentando nelas o desequilíbrio e a miséria) e, ainda, deturpam os méritos da "opção pelos pobres", dando-lhes exclusividade (como se todo rico fosse opressor e o governo fosse o único culpado) o que representaria uma nova injustiça.	9. ESTIMULAR, NA ESFERA DE NOSSAS ATRIBUIÇÕES, A "ESTRATÉGIA DOS DEVERES", ENSINANDO, PELO EXEMPLO, O SENTIMENTO DE RESPONSABILIDADE e o AMOR ao TRABALHO, PELO QUE SURGIRIAM, NATURALMENTE, OS DIREITOS e a HARMONIA DO CONJUNTO.
10. São capazes de matar ou morrer por uma causa materialista (sem DEUS). Acreditam nessa causa "ingloria" e por ela se fanatizam e não mudam nunca (ver o exemplo de LUIZ CARLOS PRESTES e GREGÓRIO BEZERRA).	10. E NÓS, QUE SOMOS CRISTÃOS e HABITAMOS A MELHOR PÁTRIA DO MUNDO, DE QUE SOMOS CAPAZES?

(*) a "besta-fera" tanto pode ser o comunista, o socialista e como o "democrata", pois o inimigo não se prende à semântica (verdade tola), antes, dela também se serve.

AÇÕES POLÍTICAS

1. COOPERAR COM O TRABALHO DO GOVERNO NA SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS NACIONAIS, DE QUALQUER ORDEM, DE MODO A FACILITAR A TAREFA GOVERNAMENTAL;
2. PRESTIGIAR AS AÇÕES CÍVICAS, COM APELOS AOS SENTIMENTOS PATRIÓTICOS DE SEUS FAMILIARES E AMIGOS;
3. INFORMAR, SEM CONSTRANGIMENTO E SEM RODEIO, ÀS AUTORIDADES, AQUILO QUE LHE PARECER SUSPEITO E CONTRA OS INTERESSES NACIONAIS;
4. CONHECER ADEQUADAMENTE AS MANHAS E OS PROCEDIMENTOS ESQUERDISTAS, BEM COMO DIFUNDIR ESSE CONHECIMENTO;
5. TER CONVICÇÃO QUANTO AO PERIGO VERMELHO NO MUNDO e, EM PARTICULAR, NO BRASIL;
6. ADMITIR QUE A EXPECTATIVA e a PASSIVIDADE PODERÃO SER FUNESTAS;
7. ACREDITAR NA IGUAL RESPONSABILIDADE DE CIVIS e MILITARES, DE GOVERNANTES e GOVERNADOS, QUANDO SE TRATA DE SALVAGUARDAR A INTEGRIDADE e SOBERANIA NACIONAIS;
8. LUTAR PELA PAZ e TRANQUILIDADE, NÃO SE CONTENTANDO OU LIMITANDO-SE A DESEJÁ-LAS;
9. CRER, CONVICTAMENTE, QUE A DEMOCRACIA É CONDIÇÃO ESSENCIAL PARA A REALIZAÇÃO DA JUSTIÇA SOCIAL e CAPAZ DE PERMITIR O DESENVOLVIMENTO ALMEJADO;
10. ENFIM, CUMPRIR SEUS DEVERES COMO CIDADÃO BRASILEIRO, EM SUA PLENITUDE;

UM PESO DUAS IDÉIAS

A Igreja Católica brasileira e progressista está novamente ameaçada pelo Estado. E, mais uma vez, o instrumento da opressão e da perseguição é o Judiciário. Em breve, a CNBB terá de divulgar uma nota indignada de protesto contra a Incompreensão da obra pastoral que a Igreja realiza na região da Amazônia, contra a condenação arbitrária de padres e também, é claro, contra o pecado social representado pelo capitalismo.

Não falta o motivo para o protesto. Afinal, a opressiva Justiça do Trabalho brasileira acaba de intimar o bispo d. Tomás Balduino, vice-presidente do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), e o padre Paulo Sues, secretário-geral do mesmo organismo, a pagarem o que devem em direitos trabalhistas e indenizações ao italiano Roberto Brodolini, de 37 anos, e a sua mulher, Beatrice Pingot, demitidos do Cimi sob a alegação de "contenção de despesas". O ex-empregado do organismo que atua na Amazônia processou o Conselho, representado pelos dois religiosos citados, e o juiz do Trabalho lhe deu ganho de causa, condenando a Igreja a pagar as indenizações. Um óbvio abuso autoritário.

A história é bem simples e clara. O italiano Roberto Brodolini saiu de seu país para vir trabalhar na Amazônia, trocando um bom emprego — e bom salário — numa corretora de seguros na Itália, onde trabalhou 15 anos, por uma "causa justa". Motivado por razões humanitárias, veio trabalhar com os índios na Prelazia de Roraima, onde, convidado pela Igreja, estava há quatro anos e meio. Posteriormente, entrou para o trabalho no Conselho Indigenista Missionário, junto com a mulher. Acreditando nas palavras de religiosos e leigos brasileiros, nos anos seguintes Roberto decepcionou-se com os setores progressistas do clero.

Durante os quase dois anos em que ficou encarregado de divulgar e administrar o jornal Porantim, do Cimi, contou que viu o "órgão pregar uma coisa e agir, dentro de casa, de maneira diferente". Assistiu, por exemplo, à demissão do leigo Aniceto Barroso, por este ser filiado ao Partido dos Trabalhadores, alegando que "sua missão não poderia ser misturada com política". Segundo Roberto, Barroso foi demitido por discordar da posição do Cimi que, em sua opinião, apesar de pregar a justiça social, comportava-se como qualquer empresa multinacional. Também assistiu à demissão do coordenador do Cimi da região Norte I de Manaus, "julgado e demitido, sem direito a defesa, pelo Conselho, e sem receber a indenização". De início, pensou que tudo não passava de pequenos episódios isolados, mas, logo depois, enfrentaria situação idêntica.

O secretário-geral do Cimi, o padre Sues, alegou contenção de despesas e promoveu uma reunião fechada do Conselho, para acabar demitindo Roberto, a mulher e mais quatro membros do organismo, dois de Manaus e dois de São Paulo. Com a esposa grávida, sem dinheiro, Roberto tentou contornar a situação e o que ouviu do padre Sues, segundo contou à Justiça, foi: "Temos de fazer contenção de despesas e não podemos ficar com sentimentalismo". Desempregado, Roberto e a mulher iniciaram uma ação trabalhista e, ao contrário dos outros demitidos, foram até o fim do processo. Intimidados a pagar, d. Balduino e o padre Sues disseram que cumpririam a decisão judicial, "mas não que ele tivesse direito. Apenas queremos ficar livres para que não se manchem as nossas pregações".

O que se sabe do episódio, além disso, é que o Cimi reteve a carteira de trabalho de Roberto Brodolini por mais de um mês, carteira, aliás, que nunca havia sido assinada. Para reavê-la, entrou com outro processo na Justiça, que, no seu arbitrio e opressão típicos, obrigou o Conselho a devolvê-la ao ex-empregado. Um pormenor curioso é que, até fevereiro, ninguém que trabalhasse para o Cimi era registrado em carteira e nenhum dos demitidos recebeu indenização alguma da Igreja.

Depois dessa história edificante, ficou mais claro para todos os brasileiros a qual injusto e pecaminoso capitalismo se referem os nossos ilustres prelados da CNBB, quando emitem as suas notas de protesto. E ao capitalismo que eles conhecem e praticam: cuja selvageria não precisaria sequer ser comentada. Talvez por operarem nas selvas, esses ilustres padres progressistas tenham decidido que seria mais apropriado e fácil pôr em prática, no coração do Brasil, o capitalismo selvagem em estado puro.

Agora, sabemos qual o pecado que pretendem abolir no País, pois, antes, não estava muito evidente para nós de que tipo de regime capitalista falavam as notas da CNBB e as pregações de d. Balduino, de d. Pedro Casaldáliga, do padre Sues e de outras figuras exponenciais do nosso clero progressista. Quando se referiam ao Brasil como um país capitalista, não conseguíamos enxergar onde estaria localizado o tal capitalismo, uma vez que temos, na verdade, um Estado burocrático e oligopólico que procura impedir, a todo custo, o advento do verdadeiro capitalismo entre nós. Hoje, sabemos onde estava o capitalismo da CNBB: dentro dos organismos a que ela preside tão closamente! E o capitalismo selvagem é o que vigora na selva.

Eureka! A Igreja não só é a mais organizada das multinacionais a operar no Brasil, como também é a mais exemplar na condenação dos pecados sociais, pois é a única que os conhece no seu estado mais puro. Se é ao seu próprio capitalismo que a CNBB se refere ao condenar o Mal Absoluto, tem toda a razão. Nós a apolamos.

Bó não poderemos apoiar o eventual protesto contra a Justiça, pois, como no caso daqueles padres franceses acusados de insuflarem ações criminosas, continuamos a achar que as leis foram feitas para serem cumpridas.

O joio e o trigo

Dom Eugênio Sales
Cardeal Arcebispo de Rio de Janeiro

As tribulações têm sido uma constante no decorrer da vida eclesial. São o eco e a continuação da existência humana de Cristo com seus sofrimentos e morte.

A Igreja, ao passo que atinge um nível extraordinário de respeitabilidade, mesmo entre não católicos — e João Paulo II e bem o instrumento dessa ação divina — sombras se acumulam, tempestades se repetem. Embora procedam também do exterior, notadamente as mais dolorosas e quiza as mais graves se originam no próprio interior. E a face humana e pecadora da obra do Salvador Ele havia prevenido: "Haverá escândalos e ai por quem eles vem!" (Mt 18, 7).

Essas ocorrências têm origem nas ideias em voga e se radicam em soluções apresentadas por alguns nem sempre indenadas as infiltrações ideológicas. O subjetivismo e o imanentismo, sob disfarces os mais diversos, geram muitos dos males que nos afligem. Identica afirmação se pode dizer de um antropocentrismo levado às últimas consequências. Substituindo o teocentrismo de antanho em vez de uma comunhão entre a criatura e o Criador, dão uma prioridade absoluta àquela. Em decorrência, os problemas temporais assumem um lugar indevido, mesmo nas atividades religiosas. Os episódios de desobediência e revolta no seio de pessoas consagradas a quem "se fez obediente até a morte (Fl 2, 8) apenas revelam algo mais profundo e desolador. Em outras palavras, uma alienação do verdadeiro espírito do cristianismo.

A rapidez das comunicações e a sede de escândalos transmitem uma perspectiva deformada da realidade. A multidão fiel e agredida por atos isolados ou de grupos absolutamente minoritários.

A divulgação de opiniões pessoais, alheias às normas oriundas da Fé e a comunhão eclesial, lança nos católicos a angústia e a incerteza. E gera uma grave situação de insegurança sobre o verdadeiro ensino da mesma Igreja.

Essa realidade nos mostra a importância, especialmente em nossos dias, do espírito de discernimento. Vem a lembrança as palavras do Mestre sobre o joio e o trigo (Mt 13, 25-30): "Veio o seu inimigo, semeou joio no meio do trigo e partiu-se. Deixai-os crescer juntos até a colheita".

Uns, na pressa, querem a erradicação, a qualquer custo, do erro, outros, levados por covardia, se omitem no cumprimento de um sagrado dever. Lembrou-me bem de um comentário feito por Paulo VI em audiência privada. Ele me recordava o que pouco antes havia instado como bispos, na abertura da II Assembleia do Episcopado Latino-Americano em Medellín, ao lembrar aos pastores o sagrado dever: "Fala, fala, prega, escreve, toma posições".

Deus é assunto proibido para jovens na URSS

O jornal "Konsomolskaia Pravda", da organização da Juventude Comunista da União Soviética, publicou um apelo em favor da "luta decidida contra a religião e pela propaganda atéia". Embora afirmando que "dentro de algumas dezenas de anos, a religião terá desaparecido por si própria", o jornal exigiu dos comunistas uma atitude mais combativa e vigilante a respeito.

"Não podemos nos tornar complacentes, na suposição de que a religião desapareça sozinha em nosso país, sem deixar vestígios, nas próximas décadas. Ela certamente se extinguirá, pois nosso modo de vida parece garantir isso, mas vamos perder muitas pessoas ao longo do caminho, se não exercermos maior vigilância, e se não formos capazes de defender nossa causa de modo adequado", advertiu o jornal.

Denunciando a multiplicação de casamentos religiosos na URSS, principalmente na Lituânia, o "Konsomolskaia Pravda" revelou que em 1981, apenas na cidade de Vilnius, 19 militantes foram excluídos da organização comunista juvenil por esse motivo. Assinalou que os expulsos violaram os princípios ateus em que se baseia o regime soviético, e disse considerar incompatíveis comunistas e religião.